



# RESPONSABILIDADE SOCIAL E APLICAÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: AMPARADA NOS DISCURSOS DOS TEÓRICOS

**Maria Cleide Rodrigues Bernardino**

**Mestre em Linguística - Professora Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Doutoranda em Ciência da Informação (UnB) - Brasil**

## RESUMO

O presente trabalho procura evidenciar a responsabilidade social e a aplicação da Ciência da Informação com base na análise do discurso de alguns teóricos, baseado na hipótese da afirmação da Ciência da Informação enquanto Ciência Social Aplicada, o que pressupõe uma aplicação social e na pergunta inicial de Capurro (2003): "Para que serve a informação?" e como ele diz uma pergunta levando a outra: "Para que serve a ciência da informação?" Como metodologia utilizamos a análise do discurso, descrita como uma prática originalmente do campo da linguística e da comunicação. Os autores que compõem este corpus investigativo são: Borko (1968); Capurro (2003); Hjørland (2003); Matheus (2005); Pinheiro e Loureiro (1995); Saracevic (1999); Wersing e Neveling (1975), todos de um determinado lugar social.

**Palavras-Chave:** Ciência da Informação. Ciência da Informação – Aplicação Social. Responsabilidade Social da Ciência da Informação.

## ABSTRACT

This study aims to enhance social responsibility and the application of information science-based discourse analysis of some theoretical hypothesis based on the assertion of Information Science as Applied Social Science, which presupposes a social application and the initial question of Capurro (2003): "What is the information?" and how he says one leading to another question: "What is information science?" The methodology used discourse analysis, originally described as a practice field of linguistics and communication. Authors who compose this investigative body are: Borko (1968); Capurro (2003); Hjørland (2003), Matheus (2005), Pinheiro and Loureiro (1995), Saracevic (1999); Wersing and Neveling (1975), all of a particular social place

**Keywords:** Information Science. Information Science - Social Application. Social Responsibility of Information Science.

## 1 INTRODUÇÃO

Pesquisamos para conhecer uma determinada realidade, portanto, o objetivo dessa investigação é conhecer, evidenciar e analisar a luz da análise do discurso de Foulcault (2005) a aplicação social da Ciência da Informação com base no que diz

alguns teóricos da área. Conforme Booth et al. (2005, p.7) “[...] pesquisar é simplesmente reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar á solução de um problema”.

Neste sentido, é importante compreender que um problema pode ser uma questão ainda não resolvida no domínio do conhecimento, entretanto, “[...] nem todo problema é passível de tratamento científico” (GIL, 2009, p.23), e é definido por Cervo et al. (2007, p.75) como “[...] uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para qual se deve encontrar uma solução”. Assim, nosso problema é a existência de uma aplicabilidade social para a Ciência da Informação, a partir do questionamento de Capurro (2003).

Nossa hipótese se baseia na afirmação da Ciência da Informação enquanto Ciência Social Aplicada, o que pressupõe uma aplicação social e na pergunta inicial de Capurro (2003): “Para que serve a informação?” e como ele diz uma pergunta levando a outra: “Para que serve a ciência da informação?”

Para compor este corpus investigativo escolhemos os teóricos: Borko (1968); Capurro (2003); Hjørland (2003); Matheus (2005); Pinheiro e Loureiro (1995); Saracevic (1999); Wersing e Neveling (1975), todos de um determinado lugar social, e compreendendo por discurso “[...] um conjunto de enunciados na medida em que se apóia na mesma formação discursiva [...] ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2005, p.15).

A metodologia utilizada é a análise do discurso, descrita como uma prática originalmente do campo da lingüística e da comunicação que se propõe a analisar construções ideológicas presentes em um texto, entendendo ainda discurso como prática social (FOUCAULT, 2005).

Dessa forma, pretendemos contribuir para a discussão do tema e para um olhar do cientista da informação para questões de aplicabilidade da Ciência da Informação a fim de, parafraseando Bachalard construir uma ciência e não simplesmente descrevê-la.

## 2 UMA APLICAÇÃO SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

De acordo com as classificações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a Ciência da Informação é definida como uma "ciência social aplicada", o que por si só já nos garante uma afirmação quanto à aplicação social desta ciência, na simples razão de existência da ciência da informação. E para isto nos valem da pergunta inicial de Capurro (2003): para que serve a informação? Ou para que serve a ciência da informação? É fato que deve servir para algo ou alguém, entretanto, a pergunta é crucial.

A maioria dos teóricos procura explicitar a origem e a fundamentação da ciência da informação e nesta tentativa seus discursos se configuram como um escopo de ideologia, que abriga os mais variados discursos contextualizados em um lugar social específico. Almeida (2007, p.72, grifo nosso) afirma que:

A ciência da informação é um campo social de produção do conhecimento voltado às questões ligadas à informação. A história deste campo não pode ser relatada simplesmente pela menção de datas ou fatos, pois assim se esquece das **demandas sociais que a determinaram e legitimam sua existência** ainda hoje.

Esta definição que por sua vez vai ao encontro do famoso conceito de Borko (1968), atribui o conceito da ciência da informação atrelada a sua demanda social, a sua existência condicionada ao seu uso e necessidade. Vejamos, ao afirmar que a ciência da informação é um campo social, o autor delimita sua área de atuação e mais à frente ao afirmar que sua história não pode ser relatada apenas cronologicamente e sim, também pelas suas demandas sociais, que em sua fala, "a determinaram e legitimam". Este discurso constrói ideologicamente que a Ciência da Informação tem sua existência determinada pelas demandas sociais.

Afirmações como essa e como a de Borko (1968, grifo nosso), que define a ciência da informação como uma "disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a otimização do acesso e do **uso**", fortalecem o conceito de informação para o uso, associando o entendimento da ciência da informação às suas necessidades sociais.

Pinheiro e Loureiro (1995, grifo nosso), diz que Saracevic já em 1990 redefine a Ciência da Informação como:

Campo dedicado à investigação/pesquisa científica e **prática profissional** que trata dos problemas da comunicação efetiva do conhecimento e registros do conhecimento **entre pessoas e no contexto social, usos individuais** ou institucionais e necessidades de informação.

O discurso dos autores acima configura o pensamento ideológico que compreende a prática profissional no uso da informação, convergindo para um paradigma social e compreendendo a informação para uso individual e coletivo, esta afirmação fica evidente na fala: “[...] prática profissional que trata dos problemas da comunicação [...] entre as pessoas e no contexto social”.

A análise do discurso será aqui utilizada como recurso metodológico a fim de reforçar a ideia de aplicabilidade social para a ciência da informação, construída através da fala de seus teóricos ao longo da história.

Os discursos produzidos pelos principais pensadores da Ciência da Informação neste *corpus* investigativo, devidamente recortado segundo o julgamento do pesquisador, reflete um interdiscurso, implícito, conduzindo o pensamento para uma aplicação social da ciência da informação, não apenas como algo possível, mas, como inevitável.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Minayo (2008, p.16) menciona que “[...] entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” e que esse processo alimenta a dinâmica da ciência de conhecimento do mundo. Nossa investigação busca amparo na pesquisa social que segundo Minayo (2008, p.12) “[...] se faz por aproximação, mas, ao progredir, elabora critérios de orientação cada vez mais precisos”. Na busca por respostas nos embasamos no que diz Kuhn (1978) que o progresso da ciência se faz pela quebra de paradigmas e ainda pela discussão das teorias e métodos, que contribui para a revolução.

Utilizamos o método da análise do discurso, que entende o discurso como uma prática ou uma ação do sujeito sobre o mundo e dessa forma deve ser contextualizada como um acontecimento, que por sua vez permite uma interpretação e constrói uma espécie de vontade de verdade. A unidade do discurso por sua vez, é um efeito de sentido, como explica Orlandi (1999, p.15): “[...] a palavra discurso,

etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento”.

Ao conversar com outros textos, se produz o dialogismo, que o caracteriza pela não individualidade. Bakhtin diz que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso (BRAIT, 2005). Essa conversação entre os discursos, devidamente contextualizado pelo sujeito social, produz novos discursos ou interdiscursos. Ou seja, o dito no não dito, a fala recorrente do que não foi dito explicitamente, mas, que se encontra implícito pelo discurso.

Assim, nossa análise parte de alguns recortes afirmativos na fala dos teóricos que compõem o corpus da investigação a partir das premissas da análise do discurso com invés qualitativo por ser uma pesquisa social por natureza.

A abordagem qualitativa que busca responder a “questões muito particulares” (MINAYO, 2008, p.21) nos auxilia na interpretação dos discursos da Ciência da Informação e inferir uma unidade de valor a partir da construção de significados.

#### **4 RESULTADOS PARCIAIS**

Rafael Capurro (2003) ao analisar o escopo da investigação epistemológica da ciência da informação, traz à tona seus paradigmas, o qual chama de os paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação: físico, cognitivo e social. Ao fundamentar sua tese Capurro diz que a Ciência da Informação historicamente está fundada em duas raízes: a Biblioteconomia clássica – relacionada a transmissão de mensagens –; e a computação digital.

Sendo que para ele a primeira remonta as origens da Ciência da Informação, chamada aqui também de ciência das mensagens, e ligada aos aspectos sociais e culturais da sociedade. E a segunda raiz de caráter tecnológico, se “[...] refere ao impacto da computação nos processos de produção, coleta, organização, interpretação, armazenagem, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação”, especificamente da informação registrada em suporte físico, impresso.

Para Capurro (2003) a Ciência da Informação nasceu no final do Século XX com o paradigma físico, que por sua vez foi questionado pelo paradigma cognitivo, de abordagem mais individualista, para dar vez ao paradigma social. O paradigma cognitivo recebe críticas e influencias de alguns filósofos e autores como

Wittgenstein, Heidegger, Foucault e Frohmann. Esta fundamentação filosófica da Ciência da Informação dá enfoque a pragmática social, num conjunto do paradigma físico e cognitivo, deixando evidentes a questão social da ciência da informação.

Matheus (2005, p.156, grifo nosso), analisando Capurro, diz que a retórica oferece subsídios para uma interpretação social da ciência da informação, conforme sua fala: “Basicamente, ele entende que a retórica e a hermenêutica, e mais recentemente a angelética, podem oferecer as ferramentas para a interpretação do conteúdo da informação, e de suas consequências para a **prática social**”. Neste enunciado, que por sua vez analisa a obra de um autor específico, Rafael Capurro, temos a afirmação que a retórica, além da hermenêutica auxiliam na construção de uma interpretação do conteúdo da informação. Ora, o que é a retórica, senão a fala? Neste entendimento podemos afirmar que o discurso compõe o corpus discursivo que permite a interpretação do conteúdo da informação e consequentemente a prática social dessa informação.

É importante entender que a análise do discurso “[...] trata a fala e os textos como organizados retoricamente”, isto significa que “a ênfase na natureza retórica dos textos dirige nossa atenção para as maneiras como todo discurso é organizado a fim de se tornar persuasivo” (GILL, 2008, p.250).

Os autores descritos até aqui, de uma forma ou de outra aceitam ou defendem uma abordagem social da ciência da informação, através do seu discurso, construindo persuasivamente a retórica discursiva. Essa abordagem social estuda os usuários e suas interações com o sistema, os grupos e contexto social e se configuram na efetivação do paradigma social, como podemos notar na fala de Capurro (2003, grifo nosso) “[...] o trabalho informativo é um trabalho de contextualizar ou recontextualizar **praticamente** o conhecimento”. O que significa que, se o fluxo da informação, o trabalho da informação, ou o trabalho de informar é uma contextualização prática do conhecimento.

As palavras prática social, prática, socialmente, se configuram em um pensamento ideológico determinado pelo pensamento dos teóricos aqui analisados. Hjørland e Albrechtsen (2003) desenvolveram o que chamaram de paradigma social epistemológico, que dizia que: “O objeto da ciência da informação é o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às

possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades de usuários”. (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995 *apud* CAPURRO, 2003).

A natureza social da ciência da informação é discurso recorrente da maioria dos teóricos, atribuindo inclusive um conceito atrelado ao reconhecimento da necessidade social da informação, definido pelo seu objeto de estudo. Pinheiro (1999) fala de um novo papel da informação na sociedade que define a natureza social da Ciência da Informação, que por sua vez está relacionada fortemente com a tecnologia, balizada pela cultura e pelas necessidades informacionais da sociedade e interdisciplinaridade.

A informação e seu uso é o foco central deste corpus discursivo, que afirma que a informação é “[...] considerada no contexto comunicativo dentro do sistema social interessado pelas mudanças no estado dos conhecimentos” (ORTEGA, 2004) e que deve produzir diretamente alterações no pensamento das pessoas, o que por sua vez significa que, a informação é comunicação que se recebe e se assimila.

Podemos afirmar que o discurso é o caminho de uma contradição a outra e analisar estas falas é fazer com que apareçam, desapareçam e tornem a reaparecer essas contradições, (FOUCAULT, 2005, p.171). Na fala de Saracevic (1996) temos este evento dialógico bastante evidente. Vejamos o que diz: “A ciência da informação teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia”. Apesar de a ciência da informação estar “inexoravelmente ligada à tecnologia da informação”, sua unidade de dispersão conclui mais à frente que sua dimensão social e humana ultrapassa a tecnologia. É claro que a natureza social para ele está ligada às origens interdisciplinares que ligam a ciência da informação à Biblioteconomia, que ele explicita que o que há de comum entre as duas é o “compartilhamento do seu papel social”. O que nos permite afirmar que ao compartilhar um papel social, ambas têm o mesmo papel.

O princípio discursivo, que chamamos de dialogismo (FOUCAULT, 2005) é que fundamenta o discurso, o que significa que os discursos surgem repletos de outros discursos. Ao afirmar que as três características da ciência da informação: interdisciplinar, sua forte ligação tecnológica e sua participação ativa na sociedade, Saracevic (1996) e que constituem o modelo que permite compreender o passado, o presente e o futuro da ciência da informação, ele afirma também que é a natureza social e humana que define e compõe a ciência da informação.

Completando este ciclo trazemos à tona Wersing e Nevelling (1975), que defendem uma autonomia da ciência da informação como campo científico, originado “a partir das exigências de uma área de trabalho prático”, trazendo a responsabilidade social como o real fundamento da ciência da informação. Pois para eles os problemas informacionais modificaram a relevância da ciência da informação para a sociedade, de acordo com seu discurso: “Atualmente, transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da CI”.

O sentido do discurso só pode ser interpretado quando é recuperada a fala do sujeito através do discurso produzido em determinado momento histórico. Sobre isto Orlandi (1999) nos diz que o sentido não existe em si mesmo, ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas. E o processo ideológico dos autores para esta afirmação se baseia de acordo com Freire (2004) em “[...] uma visão de mundo socialista” da ciência da informação. Para ela o enunciado representa idéias e conceitos em uso no campo da ciência da informação à época.

Portanto, não podemos simplesmente descartar o sujeito enunciativo, mas tratá-lo como elemento chave conectado ao momento histórico, que assim é capaz de produzir um discurso, que por sua vez é carregado de concepções ideológicas. Na análise do discurso (AD), o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. É descentrado, pelo caráter ideológico e pelo próprio inconsciente, é histórico, faz parte de um contexto histórico e participa ativamente enquanto ser social. Finalmente é um ser social, pois está inserido num espaço coletivo.

Os discursos que perpassam a ciência da informação historicamente se concentram em várias afirmações, entretanto, todas convergem para outra afirmação, a da aplicação social da ciência da informação. Defendida por todos os autores que fazem parte deste corpus em momentos diferentes e contextos diferentes, porém construindo o mesmo discurso ideológico.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não pretendemos aqui fazer afirmações incontestáveis, mas construir caminhos que nos permitam responder a uma questão pontual, construída a partir

da hipótese inicial da aplicação social da ciência da informação defendida pelos discursos dos teóricos da ciência da informação. Medawar (2008, p.68) afirma que há um limite para a ciência provavelmente pela problemática de se ter problemas que em algumas vezes a ciência não pode responder. Dessa forma, pretendemos apresentar aqui, dentro dos limites impostos à ciência algumas unidades de discurso que nos permitam corroborar nossa hipótese de aplicação social da ciência da informação.

Apesar de alguns teóricos entenderem que este evento se dá pela congruência da Ciência da Informação com a Biblioteconomia, eles também acabam por produzir dentro das inferências do interdiscurso, a existência de um papel social conjunto, para as duas áreas, o que pressupõe uma aplicabilidade.

Ao afirmarem que a Ciência da Informação juntamente com a Biblioteconomia compartilha do mesmo papel social, que este está amparado no uso eficaz dos registros, no acesso e no uso da informação, e claro, na importância do contexto social, dos sujeitos, que ao mesmo tempo em que produzem informação, também a buscam e a usam; afirmam também que há uma aplicabilidade da informação para a sociedade, que por sua vez contribui para um pensamento que conduz para o reconhecimento da responsabilidade social da ciência da informação.

Saracevic (1996), diz que a Ciência da Informação volta-se aos problemas humanos de efetiva comunicação do conhecimento em um contexto social. Ou seja, a Ciência da Informação responde diretamente às demandas sociais da informação. Essas demandas sociais estão amparadas na interdisciplinaridade, na tecnologia, e na participação na evolução da sociedade da informação.

E por fim, nossa investigação evidencia a resposta de Capurro (2003) para sua própria pergunta: para que - ou para quem - serve a informação? A qual ele responde que “[...] numa sociedade globalizada em que aparentemente todos comunicamos tudo com todos, essa pergunta torna-se crucial. À globalização segue-se necessariamente a localização.

Ou seja, a necessidade de comunicação, de informação balizada pelo processo de globalização, faz-se necessário localizar de forma prática e real as informações desejadas, o que pressupõe uma demanda social verdadeira e que exige da ciência da informação respostas urgentes e precisas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C. de. Uma leitura dos fundamentos histórico-sociais da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica de Informação & Cognição**, v.6, n.1, p.68-89, 2007.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOOTH, W. C. et al. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORKO, H. Information science: whats is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan., 1968.
- BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 2005.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANCIB/UFMG, 2003.
- CERVO, A. L et al. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- FREIRE, I. M. A responsabilidade social da Ciência da Informação na perspectiva da consciência possível. **DataGamaZero**, Rio de Janeiro, v.5, n.1, fev., 2004.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GILL, R. Análise do discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.53, n.4, p.257-270, 2003.
- HJØRLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Towar a new horizon in information science: domain-analysis. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.46, n.6, p.400-425, 1995.
- KUHN, T. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologia de pesquisa para a ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p.140-165, jul./dez. 2005.
- MEDAWAR, P. B. **Os Limites da ciência**. São Paulo: UNESP, 2008.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 6.ed. São Paulo: Pontes, 1999.
- ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Data Gama Zero**, Rio de Janeiro, v.5, n.5, out., 2004.
- PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, 1995.
- PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: \_\_\_\_\_. **Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Brasília: IBICT, 1999. p.155-182
- SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciencia da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v.9, p.127-140, 1975.